

## NARRADORES SISALEIROS: DA ARTICULAÇÃO DE SEUS SABERES ORAIS AOS PROJETOS CULTURAIS E A RESSIGNIFICAÇÃO DA CULTURA LOCAL

Edisvânio do Nascimento Pereira<sup>1</sup>

*Resumo:* Esta proposta pretende estudar os narradores sisaleiros, seus saberes orais, bem como, suas articulações para a implantação de projetos culturais. A intenção é investigar em que medida estes saberes articulados com as Organizações não Governamentais, contribuem para a ressignificação da cultura local. Para tanto, o objeto de análise será o projeto Griôs Sisaleiros do Assentamento Lagoa do Boi, mais conhecido como povoado Rose, em Santa Luz/Bahia. Intenciona-se verificar como as experiências dos narradores e seus saberes orais, articulados aos projetos culturais, em especial o Griôs Sisaleiros, contribui para a ressignificação da cultura do Assentamento. Por se tratar de uma comunidade predominantemente oral, busca-se fazer uma abordagem, a partir dessas experiências e saberes, das influências para os projetos culturais nos modos de produções artísticas e na cultura local dos moradores. Será utilizada a pesquisa de observação participante, com entrevista semiestruturada e análise documental. Será gravado um vídeo/documentário trazendo cenas que representem os sujeitos da pesquisa. Espera-se contribuir para melhor compreender os modos de vida e produção cultural do Povoado Rose, assim como reunir dados para futuras pesquisas.

*Palavras-chave:* Narradores sisaleiros. Projetos culturais. Ressignificação da cultura local.

### INTRODUÇÃO

Tomando como ponto de partida, é oportuno dizer que as narrações dos causos, contos e histórias de vida, a partir dos narradores e seus saberes orais que integram o Projeto Griôs Sisaleiros<sup>2</sup>, localizado no Assentamento de reforma Agrária de Lagoa do Boi, mais conhecido como, Rose, no município de Santa Luz/Bahia, possibilitou o desenvolvimento de várias atividades artísticas, quanto aos seus processos criativos, dando origem a uma variedade de produtos como: desenhos, pinturas, roteiros de peças teatrais, xilogravuras, literaturas de cordel, gravações de CDs e livros produzidos através da articulação da comunidade com instituições parceiras.

A partir da relação de proximidade entre os narradores e as organizações sociais, bem como, suas formas de linguagens podem estar dando uma configuração histórica na comunidade de Rose, a qual nos faz pensar que elas podem contribuir para a ressignificação da cultura local. “Através da linguagem o homem se constitui como sujeito” (AGAMBEM, 2009. p. 56).

---

<sup>1</sup> Bacharel em Comunicação Social Radialismo pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – DEDC Campus XIV. Mestrando pelo programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia Bolsista da FAPESB. Orientadora: Profa. Dra. Edil Silva Costa. Doutora em Comunicação e Semiótica (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Endereço eletrônico: edisvanionascimento@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Há indícios de que a palavra *griot* é de origem francesa. Significa mestre do saber oral, e passou a ser empregada na África para conceituar os animadores públicos, ou seja, pessoas responsáveis pela transmissão de saberes para as novas gerações, através da história oral. No Brasil, a palavra foi adaptada para a nossa língua – Griot para Griô – contudo, não alterou o seu significado. O termo sisaleiro é derivado da palavra sisal, planta nativa da caatinga do qual é extraída a fibra para confecção da corda de sisal e outros derivados.

O uso de diversas formas de linguagem, aliadas as suas capacidades de articulação, se revelam nos sujeitos da comunidade, como importantes instrumentos que podem permitir que estes possam vivenciar novas experiências e criarem novos modos de produção e de vida. “[...] a experiência que a linguagem deve significar não é um inefável, mas é o supremamente dizível, a coisa da linguagem [...], o que possibilita que o sujeito encontre [...] o seu lugar lógico em uma exposição da relação entre experiência e linguagem” (AGAMBEM, 2005. p. 11).

Estas constatações nos levam a alguns questionamentos: como acontecem os modos de produções artísticas dos narradores orais do Assentamento Rose em Santa Luz? Como se dá a articulação dos narradores orais com as Organizações não Governamentais e quais suas influências para os projetos culturais? Quais as contribuições destes para a ressignificação da cultura local?

Do ponto de vista da oralidade, esta adquire maior significado, na medida em que se reconhece a palavra como uma capacidade pertencente ao ser humano e que em qualquer lugar ou sociedade ela sempre precede à escrita. “[...] a fala é um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido de descendente e sagrada no sentido de ascendente” (HAMPÂTÉ-BÁ, 1982, p. 155).

Neste sentido, a nossa pretensão frente a este trabalho é vislumbrar em que medida os saberes dos narradores orais junto às Organizações não Governamentais, contribuem para a ressignificação da cultura local e para isso será verificado como as experiências dos narradores e seus saberes orais, articulados aos projetos culturais, em especial o Griôs Sisaleiros, contribui para esta ressignificação.

Por se tratar de uma comunidade predominantemente oral, o nosso objetivo maior é verificar em que medida as experiências dos narradores, suas tradições e saberes orais, articulados aos projetos culturais, em especial o Griôs Sisaleiros, contribuem para a ressignificação da cultura do Assentamento Rose no município de Santa Luz-BA. Tendo como nosso sujeito de análise o projeto Griôs Sisaleiros, na perspectiva de verificar os modos de produções dos artistas da comunidade, os quais se articulam e fazem surgir projetos culturais que podem possibilitar a ressignificação da cultura local.

Para atingir os resultados almejados, é necessário haver a escolha de um percurso metodológico. Dessa forma, opta-se pela pesquisa de observação participante, com entrevista semiestruturada, para a execução deste estudo. A pesquisa de observação participante,

[...] consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste. (MARCONI E LAKATOS, 1990, p. 82)

Tendo uma relação histórica de aproximação com o tema e os sujeitos da pesquisa desde 2006, avalia-se que este pode trazer alguma facilidade. Isso, nos leva a pensar que se faz necessário um trabalho mais cauteloso acerca da metodologia proposta por Marconi e Lakatos, o que nos instiga recorrer às contribuições do teórico da comunicação Marcondes Filho. Este autor define a importância do observador participante, dizendo que consiste em não ter como estudar as formas de comunicar-se

[...] estando fora dela, como um objeto estranho, distante, em outro contexto de espaço e tempo. Por isso a área da comunicação é substancialmente diferente das outras áreas humanísticas, a lingüística, a psicologia, as ciências humanas em geral (MARCONDES FILHO, 2008, p. 152).

Sendo assim, pretende-se fazer uma revisão bibliográfica que possa fundamentar a dissertação a respeito dos sujeitos da pesquisa e dos conceitos discutidos. Utilizar-se-á a pesquisa de observação participante, com entrevista semiestruturada, bem como, análise documental nas instituições Instituto Maria Quitéria – IMAQ e Liga Desportiva e Cultural dos Assentamentos da Região Sisaleira.

A propósito do referencial teórico, temos utilizados até o momento, obras de autores como Gilles Deleuze e Guatrari, Hampaté-Bá, Paul Zumthor, Stuart Hall, Homi K. Bhabha, Nestor Garcia Canclini, dentre outros.

Este estudo sendo bem sucedido, possui relevância social e científica, na medida em que este se propõe discutir aspectos que poderão colaborar para que haja reflexão acerca dos saberes orais dos narradores, no que se refere à mobilização de sujeitos que falam de seu lugar, bem como o resultado das articulações dos mesmos para a efetivação de projetos culturais que possam culminar com a ressignificação da cultura local.

## **BREVES DISCUSSÕES TEÓRICAS**

Encontramos nos narradores sisaleiros do Assentamento Rose, uma diversidade de saberes presentes em sua oralidade, mostrando-se capazes de articulações que a princípio a nosso ver consegue mobilizar Organizações, propor iniciativas, fazendo desmontes e remontando outras, que culminam em projetos culturais, que permeiam e dão novos significado à cultura local, funcionando de forma *rizomática*, no sentido Deleuziano criando “linhas de fuga”, este desejo que dá o sentido de movimento é o mesmo que estabelece novos sentidos às produções dos narradores, visto que se encontram sempre abertos para as novas possibilidades, assim “quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move produz (DELEUZE; GUATTARI, 1995. p. 32).

As produções dos narradores orais do Povoado Rose em Santa Luz, partem justamente, do desejo e da ideia de movimento de criar novos caminhos, novas possibilidades “*rizoma*”. No que se refere às tradições e saberes orais, “são meios de sociabilidade, pois através delas as experiências individuais são comunicadas e tornadas “públicas” ou socialmente conhecidas” (HANKE, s/d, p. 118). A multiplicidade de saberes orais dos narradores, integrantes do projeto Griôs sisaleiros, articulando-se para o surgimento de novos projetos culturais, pode ser vista sob a ótica de que “é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”, (DELEUZE; GUATTARRI, 1995. p.8), fazendo com que haja a ressignificação daquilo que ali existe.

As movimentações artísticas dos narradores do Rose, têm se caracterizado por uma marca que chama muito a atenção que é a constante ideia de movimento, de busca, de quebrar estereótipos, criando novas estratégias e se reinventando, ou seja, numa perspectiva *rizomática*, capaz de criar novas possibilidades e de dar novos significados e sentidos à cultura local.

A partir das práticas articuladas pelos moradores do povoado Rose, o IMAQ desenvolveu o projeto Expressões Sertanejas<sup>3</sup> e este se configurou enquanto possibilidade efetiva de revalidação, reconhecimento, valorização e divulgação das diversas práticas artístico-culturais, perpassando pela historicidade da comunidade, passando por suas vivências culturais tradicionais e indo até a criação de bens e produtos autorais. (IMAQ, 2005). Nesta perspectiva, foram criados e desenvolvidos instrumentos técnico-pedagógicos, para a rememoração e valorização do patrimônio histórico-cultural da comunidade, interferindo nos processos de conscientização da identidade sócio/cultural - os mais diversos perfis artístico/culturais e matrizes históricas e socioculturais locais (IMAQ, 2005). É nesta perspectiva que nasce o Projeto Griôs sisaleiros e este surge como resultado das interações empreendidas pelo Projeto Expressões Sertanejas, permitindo a reafirmação cultural firmando a história e a base formativa da população da comunidade de Rose. (IMAQ, 2005).

Chama-nos atenção, o uso de alguns termos pelos moradores de Rose como: cultura popular; identidade, ressignificação, comunidade, articulação, experiência e projetos culturais. Este comportamento, nos faz pensar que eles estão assumindo suas “posições” ainda que às vezes pareça inconscientemente, enquanto sujeitos de um lugar de fala, mas “A questão é produzir inconscientemente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995. p. 38).

---

<sup>3</sup> Ponto de Cultura Expressões Sertanejas, convênio firmado entre o IMAQ e o Ministério da Cultura – MinC, através do Programa Cultura Viva, cujo objetivo é apoiar projetos culturais em todo país.

A propósito disto, a cultura popular é vista conforme as suas relações de forças sociais e há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular, para cercá-la e confiar suas definições e “[...] formas dentro de uma gama mais abrangente de formas dominantes. Há pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural”. (HALL, 2003, p. 254). A aparição tardia dos estudos e das políticas relativos a culturas populares mostra que estas se tornaram visíveis há apenas algumas décadas. (CANCLINE, 2015, p. 207).

Ao notarmos que os moradores de Rose costumam se referir às atividades culturais desenvolvidas, utilizando-se da etimologia identidade, podemos verificar que existem ao menos três concepções a este respeito:

[...] O sujeito no Iluminismo baseado numa concepção da pessoa humana. [...] O sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno [...] O sujeito pós-moderno torna-se uma celebração móvel [...] (HALL, 2005, p. 10).

Sendo assim a identidade surge de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ “[...] a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser visto por outros” e “[...] continuamos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude”. (HALL, 1999, p. 39), visto que as identidades “[...] flutuam no ar, algumas de nossas próprias escolhas, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. (BAUMAN, 2005, p. 19).

Em se tratando dos narradores orais de Rose, bem como, suas articulações nos instiga pensarmos também acerca do uso do termo comunidade cujo “[...] entendimento compartilhado do tipo natural de tácito, ela não pode sobreviver ao momento em que o entendimento se torna autoconsciente estridente e vociferante.” [...] (BAUMAN, 2003, p. 17).

O movimento diverso e o universo de saberes e fazeres dos narradores orais de Rose, articulados com as lideranças da própria comunidade, criando novas possibilidades, rompendo, saindo de um lugar de “condicionados” para criar novas condições proporcionaram o estabelecimento de parcerias com Organizações não Governamentais, e assim, nasceram os projetos culturais, que permitiram a transformação de um importante acervo historiográfico e se configurou nas produções desses bens, serviços e produções culturais, cujos foram catalogados. Estes sujeitos possuem a capacidade de transcender, se *desterritorializar* para uma nova *reterritorialização* criam *linhas de fuga*, são, portanto, sujeitos *rizomáticos* (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Observando os modos de produção da comunidade, pode-se constatar por meio do seu banco de dados, cópias de projetos desenvolvidos, fotos, relatórios de atividades, matérias e reportagens veiculadas na imprensa local, regional e nacional, desenhos, pinturas, roteiros de peças teatrais, xilogravuras, literaturas de cordel, contos, causos e livros produzidos através da articulação e da vivência da comunidade com instituições, sendo este o resultado da catalogação nas oficinas com os narradores orais “[...] a fala é um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido de descendente e sagrada no sentido de ascendente” (HAMPÂTÉ-BÁ, 1982, p. 155).

A este respeito nos faz pensar que a oralidade, adquire uma importância de maior significado, ao passo que reconhecemos a palavra, como uma capacidade pertencente ao ser humano e que em qualquer lugar, ou sociedade, ela sempre precede à escrita, ou seja, “[...] abre espaços e possibilita aos sujeitos em processos de formação, partilhar experiências formadoras, sobre tempos, espaços e trabalhos biográficos [...]” (SOUZA, 2008, p. 85).

Os narradores orais que vivem no assentamento Rose, antes teriam passando por momentos que permearam as suas próprias culturas, por se tratarem de sujeitos que, oriundos de regiões diversas, e, em muitas situações, culturas diferentes, enfrentaram dificuldades, tendo que se deslocarem de seus lugares enquanto sujeitos, por muitas vezes marginalizados, “toda uma gama de teorias contemporâneas sugere que é com que aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento – que aprendemos nossas lições mais duradoras de vida e pensamento” (BHABHA, 2014. p. 276). Neste sentido, os narradores orais de Rose podem ser colocados sob a ótica de que a “experiência afetiva da marginalidade social – como ela emerge em formas culturais não canônicas – transforma nossas estratégicas críticas”. (BHABHA, 2014, p. 276).

#### **DA EXPERIÊNCIA E SABER ORAL DOS MESTRES À RESSIGNIFICAÇÃO DA CULTURA LOCAL**

Embora os narradores não tenham o chamado saber científico, são detentores de um vasto conhecimento, cujo chamamos aqui de “saber oral”. “A fala é um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido de descendente e sagrada no sentido de ascendente” (HAMPÂTÉ-BÁ, 1982, p. 155).

Parte dos Griôs da Comunidade de Rose, é formada por pessoas idosas que não são detentoras do domínio da leitura e da escrita, ou não passaram pela chamada escola formal. Entretanto, eles passam os seus conhecimentos, através da oralidade para crianças, jovens e adultos da comunidade.

As atividades acontecem através de oficinas realizadas toda semana. José Roque Saturnino de Lima<sup>4</sup>, explica que o projeto é importante para a comunidade e diz que “[...] isso tem permitido a interação entre os moradores, e também a gente vê o fortalecimento da identidade e o crescimento do valor dos saberes e dos fazeres culturais da comunidade”. (LIMA, entrevistado em 2010).

Quando falamos em tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apóie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, principalmente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. (HAMPÂTÉ-BÁ, 1982, p. 81).

Hampâté-Bá refere-se às tradições, saberes e fazeres orais como “a grande escola da vida” (HAMPÂTÉ-BÁ, 1982, p. 195). A respeito deste ponto de vista, sugere-nos que possamos trazer algumas contribuições de sujeitos que integram o projeto Griôs Sisaleiros. Trata-se de falas que nos instigam a pensar na ideia de ressignificação da cultura local e a afirmação identitária do Povoado Rose.

Eu acho assim, de uma grande importância, porque agente tá percebendo que a cultura tá se perdendo, e com essa oportunidade a gente tá trazendo de mostrar aos jovens e as crianças, a cultura de nossos pais de nossos avós, fazer com que eles conheçam mais essa cultura, que hoje a gente percebe, que estava se perdendo, e é muito importante a forma que vem sendo mostrada, através da cultura tá buscando também, trazer o jovem a criança para uma vida melhor, assim, na educação deles poder, entender que a cultura é uma coisa muito importante para a educação também da juventude e até mesmo dos adultos que às vezes estavam também se perdendo. (V. M. S.<sup>5</sup>. Entrevistada em 2009).

Notamos a partir de sua fala, a satisfação, por fazer parte do Projeto Griôs Sisaleiros, além da demonstração do sentimento de pertencimento, ao enfatizar a importância do mesmo, ao usar a afirmação “para uma vida melhor”. Outro aspecto bastante significativo, na fala de Dona V. M. S., é que ela ressalta com certo entusiasmo, a oportunidade outorgada aos mestres, a partir do projeto, para que eles possam mostrar às crianças e jovens, as suas manifestações culturais, que vem dos seus antepassados, o que segundo ela, estava se “perdendo”.

---

<sup>4</sup> Formado em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia, através do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária). Morador do Povoado Rose desde a ocupação e implantação do Assentamento. É poeta, cordelista e contador de causos. Diretor da Liga Desportiva e Cultural dos Assentamentos e integrante de diversos Conselhos municipais e estaduais, dentre eles, o de Cultura. Exerce a função de Griô aprendiz, trabalhando oficinas de contações de causos, elaboração de cordel, xilogravuras, peças teatrais, composições musicais e organização dos materiais coletados para o acervo cultural da comunidade e do projeto.

<sup>5</sup> Sempre viveu exercendo as atividades de dona de casa, agricultora e artesã, mas segundo ela, nunca deixou de amar uma boa cantoria, o samba de roda e o reisado. Na época da entrevista ela tinha 62 anos, morava no Projeto de Assentamento de Reforma Agrária Mucambinho, onde vive até hoje e desenvolvia as atividades de Griô, em sua área de assentamento, bem como, no Povoado Rose, sendo uma das responsáveis pelas oficinas de literatura, cantorias e músicas locais, artesanato e agricultura orgânica.

Ao observar a narrativa da entrevistada, é possível perceber que a mesma se refere ao Projeto, como um instrumento, o qual, segundo as suas palavras, tem contribuído para a valorização da cultura local. Isso nos remete a pensar, ao analisar as suas colocações, que o Projeto possibilitou a amostra dessa cultura e fez com que outras pessoas em especial, os mais jovens se apropriassem destes saberes e não os deixassem se “perder”.

Chama-nos a atenção, quando Dona V. M. S., se refere ao Projeto como um meio que pode “trazer o jovem e a criança para uma vida melhor”. A este sentido, analisamos que a entrevistada se refere ao comportamento das crianças e jovens, que, com o andamento das atividades culturais, começam a participar e ocupar-se de atividades que permitem o acesso ao conhecimento.

Percebemos na narrativa de Dona V. M. S., que com a presença do Projeto surge também um sentimento de pertencimento, haja vista que, os jovens e adultos começam a se inserir e participar, interagindo com os Mestres, fazendo desse modo, com que estes saberes, não se percam e sejam repassados para as gerações que vão surgindo.

A segunda entrevistada, fala a respeito do desenvolvimento das suas atividades no Projeto, bem como, quanto a sua relevância para a comunidade,

[...] como eu trabalho com crianças de oito anos, é eles não tem esse conhecimento, e eu estou transmitindo para eles, então eu acho muito bom. Porque a gente sabe que na zona rural às vezes, tem muita família que tem dificuldade na sobrevivência, né? E com esse ponto, de cultura de alimento, eu acho que acaba a maioria da fome, porque a gente usa tudo que a gente tem na roça é usado, a casca do aipim, a casca da banana, a folha do aipim, a folha da batata, da abóbora, enfim tudo é aproveitado. [...] E hoje a gente tem o prazer de passar isso para os meninos, pois a alimentação deles vai ser bem melhor e a gente sabe que desnutrição vai acabar. A desnutrição do corpo e da mente. (M. J. D. M<sup>6</sup>, Entrevistada em 2007).

A narrativa da entrevistada faz-nos perceber que, o trabalho por ela desenvolvido, trata-se de uma atividade interessante, sob o ponto de vista do desenvolvimento da comunidade. Na engrenagem do projeto, ela desempenha o papel importante de repassar os seus conhecimentos de arte culinária, se apropriando da matéria prima existente, na roça da comunidade. Ela nos permite perceber também, a diversidade de saberes e fazeres dos mestres, ao desempenharem suas funções. A entrevistada revela receitas que utiliza para a confecção de pratos, se apropriando de produtos

---

<sup>6</sup> Desde o início do Assentamento em 1989 ela reside na comunidade de Rose. Durante a sua vida dedicou-se ao Ofício de parteira por muitos anos, quando muitas mães ainda não tinham acesso aos hospitais da cidade, era ela que socorria as mães que entravam em trabalho de parto e muitas crianças do assentamento e de regiões vizinhas nasceram sob os seus cuidados. Sempre foi dona de casa, adoradora das cantigas de roda, se dedicando inclusive a compor algumas destas cantorias. No Projeto exerce a atividade de Griô responsável pelas oficinas de culinária regional e alternativa, fototerapia, benzedeira, música de raiz e artesanato em fibra de sisal e pindoba.



que estão ali mesmo na sua área de convivência, sem a preocupação de comprar ingredientes industrializados. A mestra, além de trazer-nos aspectos bastante significativos no tocante à cultura, à preservação dos seus valores e conhecimentos, faz-nos perceber também, o comprometimento com o bem estar, saúde e com a qualidade de vida dos moradores da comunidade.

Conforme descreve em sua narrativa, Dona M.J.D.M, nos possibilita pensar acerca do Projeto Griôs sisaleiros, podendo este ser um instrumento comprometido com a melhoria das condições de vida dos moradores do Rose, por incentivar o desenvolvimento de atividades, utilizando-se de recursos naturais existentes na própria área do assentamento. Na medida em que, as oficinas vão acontecendo, as crianças capacitadas pela entrevistada vão se apropriando de conhecimentos ligados à arte-culinária e assim, estes saberes se multiplicam podendo se ressignificarem

José Roque Saturnino de Lima, destaca os impactos do Projeto, na comunidade, no que tange à ressignificação da identidade cultural do Rose, para ele

[...] o principal impacto que tem trazido para as comunidades, tem sido a reapropriação da identidade cultural das pessoas que por motivo do avanço tecnológico, da cultura artística considerada de massa e o modismo passou muito tempo negando suas raízes culturais e vendo seu principal bem sendo esmagando. [...] pudemos concretizar um sonho comunitário de refazer a história cultural da comunidade era o momento de trazer de volta as rodas de contação de causos, de reinventar a vida, de integrar a comunidade. [...] partindo da nossa realidade. Um povo sem “memória” é um povo que aos poucos vai perdendo sua verdadeira identidade, [...] vimos crianças e adolescentes mobilizando os líderes e mestres da comunidade para escrever, por no papel a história da comunidade, transformar em peça de teatro, em artes plásticas, em cordel, xilogravura, letras de músicas dentre outros ramos do conhecimento. (LIMA, Entrevistado em 2010).

A sua fala, aponta para uma perspectiva inovadora, onde apesar das dificuldades enfrentadas, puderam concretizar o sonho comunitário de “refazer” a história da comunidade cultural. Dessa forma, seria seguro dizer que, com a chegada do Projeto, a comunidade passa a revivificar a sua própria história?

## **INQUIETAÇÕES E TENTATIVAS DE COMPREENSÃO**

Constata-se que a partir do saber e do fazer oral presentes na comunidade Rose em Santa Luz, através da articulação dos seus mestres e lideranças, aliados às suas capacidades de estabelecimento de parcerias, bem como, os seus modos de produções artísticas, a princípio pode estar contribuindo para a ressignificação da cultura local. Mas afinal, de que maneira há esta contribuição? Estes sujeitos envolvidos com os projetos, qual a sua percepção e nível de sentimento de pertencimento?

Por ser uma área de assentamento, é evidente as marcas das lutas, dos deslocamentos, na busca de uma melhor condição de vida, claro, isso perpassa também pelos seus aspectos culturais, como a necessidade de mudanças constantes de comportamentos, os múltiplos sonhos de um lugar melhor para se viver, o ato de se reinventar, quebrando paradigmas e destruindo estereótipos. “Disto ocorre, em segundo lugar, a natureza destas multiplicidades e de seus elementos. *O rizoma*” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 57).

Levando em consideração as suas trajetórias, suas implicações frente aos processos de mudanças e rupturas de estereótipos, que marginalizam muitas vezes os moradores de áreas de assentamentos de reforma agrária. Poderíamos imaginar a partir deste ponto de vista, que os narradores orais, bem como, os moradores de Rose, estariam perfeitamente relacionados ao que propõe Deleuze?

Ao verificamos nos moradores de Rose, a compreensão de que para se viver em comunidade, existe a necessidade de haver o partilhamento de ideias e objetivos numa perspectiva de coletividade. Na medida em que eles têm procurado fazer acontecer a implementação de projetos, que visam colaborar para o fortalecimento da vida social, cultural e comunitária de sua respectiva localidade, seria este tipo de atitude ressignificar a cultura local? Mas se os assentados veem de lugares e em muitos casos culturas diferentes. Que tipo de ressignificação pode ser atribuída a este lugar? Seria então, na medida em que eles se juntam, se integram e misturam suas culturas, o ato de dar um significado para a cultura local, a partir destas diversas multiplicidades? Mas se há esta junção de fato, poderia também ser observado como um ato de violência? Já que nos parece haver aí, novos estabelecimentos, desencontros e encontros. Seria pertinente afirmar que há neste sentido, uma *desterritorialização* na qual os sujeitos saem dos seus lugares habituais para se confluírem em outro espaços, a *reterritorialização* como sinaliza Deleuze?

Observamos nos habitantes da comunidade Rose, os seus acessos às mais diferenciadas formas e estilos de vida. Entretanto, estes tipos de comportamentos, a priori, nos parece não fazerem com que se percam de si mesmos, pois, eles conseguem se reconhecer enquanto sujeitos de um tempo e de um espaço, cujos são detentores de características peculiares dos seus lugares. Mas se há o contato com o novo, com o diferente, como poder pensar que não há uma mutação, nos seus modos de vida e na sua cultura? Seria o oportuno pensar então a respeito do que Deleuze afirma “As desterritorializações e reterritorializações não determinam as modificações, mas determinam estreitamente a sua seleção.” (1995, p. 90)? Mas como pensar então em ressignificar a cultura local, se não pensar em mudanças, em *linhas de fuga*? Logicamente, não se deve confundir “[...] esses

movimentos relativos com a possibilidade de uma desterritorialização absoluta, uma linha de fuga absoluta, uma deriva absoluta” (DELEUZE; GUATTARI, 1995. p. 91).

Seus comportamentos, nos instiga a refletir e questionar também se estes permitem ressignificar os seus valores identitários e culturais locais, sem que haja perdas, quanto a sua história de vida e seus modos de produções. Isso seria possível sem que haja a negação ou esquecimento da história dos seus antepassados? Este estudo sugere mais sob o ponto de vista provocativo para pensar e levantar questões, se o movimento cultural, os projetos culturais da comunidade, possibilitam a ressignificação e quais significados para a cultura local?

Por fim, necessário se faz, que os aspectos observados até o momento no Assentamento Rose em Santa Luz, sugerem-nos alguns embates e tensões teóricas para uma verificação quanto aos seus modos de produção, suas articulações para a elaboração e implementação de projetos culturais. Sugere também que pensemos, como se deu o ato de *desterritorialização* dos sujeitos da pesquisa, como acontecem as tensões para as novas perspectivas reterritoriais, como a cultura local se caracteriza após ressignificada, o que se entende como ressignificação desta cultura e como as Organizações não Governamentais e as políticas públicas estão inseridas neste contexto?

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 19-78
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, 2009.
- BÂ, Hamadou Ampaté. A tradição Viva. In: *Introdução à Cultura Africana*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BÂ, Hamadou Ampaté. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena e Casa das Áfricas, 2003.
- KIZERBO, J. *História geral da África: metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- BOUDON, R.; BOURRICAUD, F. *Dicionário Crítico de Sociologia*. Trad. Maria Letícia G. Alcoforado. 2 ed. São Paulo: Ática, 2001.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

HALL, Stuart. Estudos Culturais e seu legado teórico. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidade e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 199-218.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Thomaz Tadeu da Silva. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HANKE, Michael. *Narrativas orais: formas e funções*. Disponível em <<http://www.revistas.univerciencia.org>>. Consulta em 29 de abril de 2010.

IMAQ, <http://www.imaq.org.br>

IMAQ. Instituto Maria Quitéria. *Projeto Expressões Sertanejas*. Feira de Santana: IMAQ, 2005. 28p.

IMAQ. Instituto Maria Quitéria. *Projeto Griôs Sisaleiros*. Feira de Santana: IMAQ, 2007. 27p.

IMAQ. Instituto Maria Quitéria. *Projeto Recriando e Criando Lendas e Mitos*. Feira de Santana: IMAQ, 2007. 52p.

IMAQ. Instituto Maria Quitéria. *Revista Fuzuê*. Ano II e III. 2-3 ed. Feira de Santana: IMAQ Edições, 2010/2012. 69p.

KIZERBO, J. *História geral da África: metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Modos de narração e discussão de memória: biografização, experiências e formação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). *(Auto) Biografia: formação, territórios e saberes*. Natal: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008, p. 86-101.

SOUZA, Maria de Souza; MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

LIMA, José Roque Saturnino de. Entrevistado, 2010. Entrevistador: Edisvânio do Nascimento Pereira. Santa Luz, 2010. Gravador digital estério zoom. *Entrevista concedida para o programa Expressões Sertanejas da Rádio Comunitária Santa Luz FM*.

M. J. D. M. Entrevistada, 2007. Entrevistador: Edisvânio do Nascimento Pereira. Santa Luz, 2010. Gravador digital estério zoom. *Entrevista concedida para o programa Expressões Sertanejas da Rádio Comunitária Santa Luz FM*.

V.M.S. Entrevistada, 2009. Entrevistador: Edisvânio do Nascimento Pereira. Santa Luz, 2010. Gravador digital estério zoom. *Entrevista concedida para o programa Expressões Sertanejas da Rádio Comunitária Santa Luz FM*.